

# Amazônia agrava efeito estufa

*No Brasil, o que mais contribui para agravar o aquecimento do planeta é a destruição da floresta e não as usinas e as fábricas*

Warner Bento Filho  
 Da equipe do Correio

A maior contribuição brasileira para a formação do efeito estufa não sai das chaminés das fábricas nem das descargas dos automóveis: vem da Floresta Amazônica. Ou melhor: da destruição dela. Os desmatamentos e as queimadas na região Norte do país são os vilões nacionais do processo de aquecimento da Terra.

O efeito estufa é provocado pelo acúmulo de certos gases na atmosfera — principalmente dióxido de carbono, metano e óxido nítrico. Estes gases se acumulam ao redor do planeta, funcionando como um escudo que impede a dispersão dos raios solares.

Isso faz com que as temperaturas médias da Terra venham subindo ano a ano. Estima-se que nos próximos 100 anos, os termômetros marquem, em média, até 3,5 graus centígrados a mais. Este processo pode resultar em grandes inundações, epidemias, formação de desertos e períodos de seca mais prolongados, entre outros problemas.

Nos países desenvolvidos, as maiores emissões dos gases prejudiciais são de usinas e fábricas que usam combustíveis fósseis (carvão mineral e petróleo).

No Brasil, o Ministério de Ciência e Tecnologia coordena um inventário de toda a contribuição nacional para o aquecimento global. O estudo só será

concluído no começo do ano que vem. Mas já se sabe que a destruição da floresta amazônica ficará com o título de campeã do efeito estufa.

## DEVASTAÇÃO

Dos cerca de 4,5 milhões de quilômetros quadrados da Amazônia, cerca de 470 mil quilômetros quadrados da floresta — área semelhante ao estado da Bahia — já foram derrubados. Em 1995, a taxa de desmatamento bateu seu recorde histórico. Naquele ano, desapareceram 29 mil quilômetros quadrados de matas. Em 1996, último dado disponível, deixaram de existir 18,2 mil

quilômetros quadrados de florestas na Amazônia — área equivalente a três vezes o Distrito Federal.

“Ainda precisamos saber o volume de biomassa que há em cada quilômetro quadrado desmatado ou queimado, para poder definir quanto de carbono é liberado para a atmosfera quando se queima ou desmata. Mas já se pode concluir que o maior problema em relação ao efeito estufa no Brasil é a destruição da Amazônia”, confirma o coordenador de pesquisa sobre Mudanças Climáticas Globais do Ministério de Ciência e Tecnologia, José Miguez.

Até hoje, as preocupações com os desmatamentos e queimadas na Amazônia se referiam à perda de diversidade biológica — o desaparecimento de espécies vegetais e animais muitas vezes desconhecidos. Agora, volta a tomar corpo a idéia da Amazônia como “pulmão do mundo”. Não pela capacidade de produção de oxigênio de sua mata, mas pela quantidade de carbono que sua destruição libera.

Técnicos do Ministério de Ciência e Tecnologia e de outros órgãos governamentais vão aproveitar levantamento que mediu a quantidade de árvores, volume dos troncos e outras variáveis em 2.800 pontos da floresta amazônica na década de 1970. Estes dados serão cruzados com os mapas de desmatamentos e queimadas na região. Com isso, será possível definir com mais

precisão a quantidade de carbono liberado na devastação da Amazônia. O cerrado e a caatinga também serão estudados, mas por amostragens.

O inventário do Ministério de Ciência e Tecnologia abrange as contribuições de diversas atividades humanas no país — das queimadas e desmatamentos até a agropecuária, além do uso de combustíveis em transporte, indústrias e usinas, entre outros setores.

Estima-se que em todo o mundo sejam jogados na atmosfera cerca de sete bilhões de toneladas de carbono por ano. Deste total, a Terra tem capacidade de reabsorver cerca de

Jorge Cardoso



Devastação de florestas em Roraima: queimadas e desmatamento na Amazônia já destruíram área semelhante à da Bahia

quatro bilhões de toneladas. O excedente de três bilhões de toneladas é o que precisa ser cortado para barrar o processo de aquecimento global.

Mas as medidas que forem tomadas agora só surtirão efeito daqui a 30 ou 40 anos. Até lá os termômetros devem continuar marcando tempera-

turas cada vez mais elevadas. A Conferência Mundial sobre o efeito estufa — com representantes de 170 países — que se encerrou na manhã do último sábado em Buenos Aires, na Argentina, definiu prazos para a regulamentação dos esforços mundiais para deter o aquecimento da Terra.

A meta, estabelecida há um ano, é reduzir as emissões em 5,2% em média com base nos números de 1990. Como a maioria dos países passou a poluir mais nos últimos anos, estima-se que as reduções deveriam chegar a 20% em média para evitar que as temperaturas continuem subindo.